

Desenhar a Evidência

Sábado, 17 de Janeiro de 2004

%Nuno Crespo

A linha e o contorno, a cor e a composição, no final um todo a que se chama desenho. Por vezes considerado como o parente mais pobre da pintura, o desenho na arte contemporânea tem vindo a ganhar um estatuto especial, entre as novas expressões e tecnologias, parece manter uma espécie de halo metafísico ou aura originária que se presente em cada novo desenho, é como estar de volta ao gesto primeiro, ao gesto demiúrgico que dá origem ao mundo das cores e das formas exuberantes. A sua autonomia revela o seu poder e este remete para o universo da precisão, da formação controlada, da criação subtil e poderosa. Como diz Nuno Faria num texto sobre Ângelo de Sousa "o desenho como abertura, como lugar onde se dá a ver. São banais os motivos, são reconhecíveis as formas, mas, ao surgirem, o que revelam não são eles mesmos ou o acto de desenhar, o que tornam visível é o movimento do próprio surgimento, da origem" (Transcrições e Orquestrações - Desenhos de Ângelo de Sousa, 2003), e é neste sentido que aqui se fala do desenho.

Duas exposições, uma em Lisboa outra no Porto, são o mote do retorno a esta disciplina ou modo de ver. Em ambas acontece esse confronto com o papel e o gesto onde cada hesitação, cada movimento ficam subtilmente guardados. A precisão é grande e a sensibilidade maior o que resulta num discurso acerca dos movimentos internos da inteligência humana quando procura alguma coisa.

No caso de Rosa Almeida (Lisboa, 1966) a investigação é em torno do olhar e das condições da visão. Nas peças apresentadas surgem desenhos e depois a transformação desses trabalhos em fotografias e em luz. Nas fotografias a disciplina não se perde, antes sai reforçada pela permanência dos elementos gráficos, por manter a identidade do papel e do traço - o desenho fotografado possui ainda a sua carga, as suas viagens, a sua origem. Nas peças feitas directamente na parede, a questão é a luz como condição da visão - é como se a artista estivesse a mostrar que, no limite, a luz encerra o grande mistério da visão, da contemplação, da arte. Diz a artista acerca dos seus trabalhos: "são sobre a importância do pormenor na nossa percepção e memória. A luz foca um momento preciso do desenho, mas os dois elementos são independentes. A luz não é um acessório, mas um material". Tratam-se de exercícios e transformações do olhar, são movimentos da percepção na procura de compreensão, de leitura. A proposta é a de uma viagem sem ponto de partida ou destino definido, os movimentos são próximos aos realizados por um homem que subitamente se vê obrigado a perseguir borboletas em voo errante, incerto e exemplar, exige-se uma demorada contemplação e, com prontidão, capturar, aprisionar de um modo suave, que não cause dano ou perda, que não transforme o ser tão aguardado e ansiado num esqueleto vazio de imagem. Os detalhes desta paisagem são aqueles que se querem escolher, aqueles por que se opta. As palavras surgem como a lembrança do significado, da linguagem, da poesia.

Os trabalhos de Cristina Lamas (Coimbra, 1968), esferográfica sobre papel, reenviam para o desenho como modo de vida, como forma de lidar com tempo e com a vida. Está-se face àquela situação do desenho como condição da respiração, no limite estes trabalhos surgem como condição vital, é como se sem desenhar a artista não pudesse mais viver. As suas formas parecem reenviar para o universo da arte-terapia, mas ao

olhar mais atento esse carácter quase compulsivo revela-se como vitalidade, como energia, como força de criação anímica que se transforma em gesto imparável, incontrolável, sem fim. A proximidade a um projecto morfológico é grande, as formas fixadas no papel ganham vida, dimensão, quase abandonam o papel e enchem-se de movimento e densidade, repentinamente parece estar-se numa viagem ao fundo do mar e o confronto é com a multiplicidade das formas aí encontradas. Esta experiência resulta na constatação da falência das ferramentas humanas quando confrontadas com a multiplicidade do mundo e a, intrínseca, necessidade de, como se de um objecto religioso se tratasse, guardar cuidadosamente essas visões, essas regiões da sensibilidade, da emoção. O reino é o das medusas ondulantes, do vento que toca levemente um pano que cobre um ser, um amor, um anseio. O desejo, que todos estes desenhos encerram, é o da visão do ilimitado, da palavra dita que salva o momento da sua precipitação no esquecimento do fundo do mar. O trabalho de minúcia, de atenção quase obsessiva pelo detalhe, pelo acompanhamento rigoroso do traço é a essência desses seres das profundezas.

Em ambos os trabalhos poder-se-ia falar do voo que começa na simplicidade do gesto a princípio tímido e hesitante, mas que se transforma na ousada captura de uma evidência e essa viagem encerra ensaios, tentativas de rompimento do cerco implacável, racional, político e social, do ser humano. Mergulhar no centro profundo do real para voltar a ver as primeiras perplexidades contempladas, os mistérios que todos os seres apresentam na sua formação. Este mergulho significa voltar ao ritmo, à harmonia da voz e à poesia como formas originárias da inteligência humana. O desenho surge, neste contexto, como o momento da reconciliação da sensibilidade com a inteligência, da visão com a razão, porque "figura e tipo são as formas superiores da visão. A concepção das figuras confere um poder metafísico, a apreensão dos tipos um poder intelectual" como nos diz Ernst Jünger (Typus, Name, Gestalt, 1981). Fala-se aqui de metafísica porque, formal e materialmente, a preocupação destes trabalhos não é exclusivamente estética ou plástica, não provém de um desejo por objectos belos ou menos belos, antes ocupa-se da reorientação do olhar em direcção à intimidade aos seres, à descoberta que afinal não se está sozinho na face da terra e é esta transformação do olhar que surge como o local onde o sentido pode acontecer. A exigência de coerência e significado passa a ser sensível, orgânica, emocional. Trata-se de um movimento rememorativo das camadas mais profundas do mundo da vida. É-se transformado em caçador de evidências e esse apelo lembra a dificuldade da tarefa da visão, da descoberta, da surpresa.

Desenhos
Cristina Lamas
Lisboa 20 - Arte Contemporânea
Rua Tenente Ferreira Durão 18-B
1350-315 Lisboa
Horário: de ter. a sext. das 14h00 às 20h00
sáb. das 12h00 às 20h00
até 21 de Fevereiro

Photo & Light Drawings
Rosa Almeida
Galeria Presença
Rua Miguel Bombarda, 570 4050-379 Porto
Horário: de ter. a sáb. das 10h00 às 12h30 e das 15h00 às 19h30
sáb. das 15h00 às 19h30
até 28 Fevereiro

